

AS FRONTEIRAS INTERDISCIPLINARES DO PENSAMENTO DE FOUCAULT

Prof. Dr. José Euclimar Xavier de Menezes

Professor do Programa em Família na Sociedade Contemporânea da UCSal

menezesjex@hotmail.com

RESUMO:

Proponho aqui que a família seja uma noção interdisciplinar em Foucault. Seus traços são delineados a partir do manejo de sujeitos que “habitam” o manicômio, a prisão, o consultório. A presença da família comparece de um modo multifacetado nestes cenários, fato que cria a exigência de diagnose, mapeamento, definição do papel que a mesma exerce para fortalecer, consolidar, estruturar as formas de subjetivação do louco, do preso e do paciente. Como esses tipos dissociativos estariam ameaçando a ordem familiar e como esta instituição age e reage à eles?

Palavras-Chave: Interdisciplinaridade, Família, Foucault

ABSTRACT:

I propose here that the family is an interdisciplinary notion in Foucault. His features are delineated from the management of subjects who "inhabit" the asylum, the prison, the psychological office. The family's presence attends to the multifaceted way in these scenarios, fact that creates the demand for diagnosis, mapping, defining the role that it plays to strengthen, consolidate, organize forms of subjectivation of the crazy, the prisoner and the patient. How would these dissociatives types threatening the family order and how this institution acts and reacts to them?

Key words: Interdisciplinarity, family, Foucault.

Talvez seja impossível pretender que a família se constitua em uma categoria epistêmica em torno da qual possam emergir reflexões centrais e sistemáticas no seio dos autores

canônicos dos saberes que investigam este objeto. No máximo, à guisa de uma reflexão central se possa, pelas bordas, encontrar laivos dispersos ou fragmentos de pensamentos sobre esta ‘rede de relatividade’¹. Pode ser que, assim, possamos iniciar nosso diálogo a respeito da utilização do método epistemológico no tratamento deste objeto que é tão, por assim dizer, fugidivo, como se fôsse uma enguia que escorrega pelas mãos. Mais fugidivo ainda se comparece em certos discursos históricos, contornados sob um *modo muito esquisito de fazer história*. Me refiro àquele utilizado por Foucault, a quem Paul Veyne (1982) comete o elogio que lhe atribui competências imaginativas inovadoras para contar histórias.

As histórias contadas por Foucault são dotadas de realismos bem concreto: a do silenciamento do louco; a da privação de liberdade do preso, a das práticas sexuais (DREYFUS & RABINOSW, 1995). O *Modus Narrandi* instituído por nosso autor, segundo Veyne, é que me interessa: recorrendo às evidências as mais desprezadas pela história linear, Foucault reconstitui o tratamento dispensado a esses sujeitos incômodos da história: o louco, o criminoso, o sujeito sexual. se quisermos: em que consiste o método de análise histórica empreendido por Michel Foucault? Para responder, gostaria de efetivar duas digressões: uma primeira que se pergunta “que história”? E uma segunda que inquire o aplicativo direto dessa história.

Vamos ao primeiro passo atrás que nos ajuda a ensaiar galopes mais à frente:

A História, de modo geral, e a história das revoluções, em particular, é sempre de conteúdo mais rico, mais variada, mais multiforme, mais viva e sutil do que o melhor historiador e o melhor metodologista poderiam imaginar. A História está repleta de ‘acidentes e conjunturas e curiosas justaposições de eventos’ e

¹ . É útil lembrar que a definição de família é muito plástica, para dizer o mínimo: 1. Espaço social: é nele que os seus membros participam e atribuem significado a eventos que lhes conferem identidade (Lévi-Strauss, 1956); 2. Fato social pleno: é a partir de suas fronteiras que os indivíduos estabelecem intercâmbios constitutivos das mediações entre grupos sociais (Mauss, 1968); 3. A família é considerada espaço de vivência das ocorrências elementares constitutivas da vida (Sarti, 2004); 4. É reputada como lugar de estruturação psíquica que oferece aporte ao desenvolvimento dos sujeitos (Mizhari, 2004); 5. É entidade promotora do desenvolvimento da cidadania (Pereira, 1995); 6. Possui estatuto de fundamento social (Giddens, 2004; Therborn, 2006); 7. Tem como atribuição o estabelecimento das normas basilares de conduta (Braganholo, 2004); 8. Rede de relações que tem significado concreto e simbólico através da qual é formada a identidade, a solidariedade e a conexão com o contexto social (Donati, 2008); 9. É constructo social, mediante o qual o imaginário acerca do parentesco consubstancia sentido de vida (Piscitelli, 2006), etc. Aqui estou usando um truque da psicanálise para sugerir modestamente uma outra possibilidade reflexiva: rede de relatividades. Uso, como sabem, o conceito freudiano de condensação (Cf. LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, pp. 129/30).

patenteia a nossos olhos a 'complexidade das mudanças humanas e o caráter imprevisível das conseqüências últimas de qualquer ato ou decisão do homem'. Devemos realmente acreditar que as regras ingênuas e simplistas que os metodologistas adotam como guia são capazes de explicar esse 'labirinto de interações'? Não é claro que, em se tratando de um processo dessa espécie, só pode ter participação bem sucedida um oportunista brutal que não se prenda a filosofia alguma e que adote a diretriz que a ocasião pareça indicar?

FEYREBEND, 1977, p. 19.

Começo por este autor controverso de propósito. O que ele nos diz nessa citação?²

1. Que o fenômeno histórico ultrapassa as competências técnicas de quem a deseja apreender, por mais aparelhado que este esteja; 2. Que este fenômeno é dotado de uma complexidade, sobremaneira de ocorrências que escapam a sistematizações as mais rigorosas; 3. Que todo constructo metodológico é carregado de limitações; 4. Que o risco narcísico a quem faz ciência é sempre aquele de se achar “o rei da cocada preta”, isto é, que uma vez selecionado o método, é recomendável que o pesquisador sempre se assegure de DUVIDAR (DESCARTES, 1983)³ de sua eficácia, mesmo extraindo dele resultados bem plausíveis; de FALSEÁ-LO (POPPER, S/D) para conferir o quanto resiste todo o constructo realizado até aquele estágio de execução da pesquisa; de testá-lo (POPPER, 1982) continuamente para conferir a consistência do que se está produzindo.

O que esses fios reflexivos estendidos nesta primeira digressão nos propõe é o desenvolvimento de uma saudável postura crítica para com o nosso jeito de trabalhar com o objeto ao qual decidimos dedicar tempo e energia vitais. Invés das posturas

² . Os leitores da escolástica conhecem bem o sentido de se alocar criteriosamente dentro de um texto uma citação, assim como conhecem bem a arte e a técnica, que hoje diríamos “estratégia” de construção de um texto com material alheio. Parece que os antigos já pressentiam uma espécie de gatunagem, típica dos tempos da internet, e dele se vacinavam com a recomendação minuciosa de recolhimento de um enunciado significativo re-alocado criteriosamente em um novo ambiente textual. Deram nome a isso de ARGUMENTO DE AUTORIDADE. Quer dizer, por mais que se festeje a própria genialidade, reconhece-se que o esforço intelectual se sustenta nos antecessores, que AUTORIZAM a dizer o que se diz, mesmo quando é contra lá eles (MENEZES, 1998). Neste artigo, resultado de um estudo epistêmico comparativo entre as teorias do prazer sexual nos antigos e nos modernos realizado durante meu mestrado/UNICAMP, coloco em evidência essa conquista quase milenar de composição da escrita que se propõe à demonstração efetivada por Tomás de Aquino. O estado da arte no qual se aporta o meu exercício está disponibilizado naquela superfície.

³ . Gostaria de sugerir uma leitura reverente desse texto que inaugura o modo de fazer ciência moderna. Considero inadequadas certas posturas empertigadas que se recusam ao exercício intelectual mais serenado, mais reverente, mais cauteloso com a produção de antanho.

impertigadas (eu quase ia dizer impostura, adjetivação muito apressada destinada à Freud (ONFRAY, 2010) e à Foucault (MANDOSIO, 2010) por badalados professores universitários contemporâneos, na pretensão de reinventar movimentos iconoclastas...), uma atitude de reverência que busca o aprofundamento, sobretudo pela ancoragem do trabalho em um consistente *estado da arte*, que em muitos esforços sucessivos será ampliado, redimensionado, escandido.

Vamos à segunda digressão para pensar a questão que coloquei: que sentido Foucault confere à história? Vocês sabem o quanto é controverso no ambiente especializado a classificação do trabalho de Foucault, sobretudo a inscrição de suas pesquisa no âmbito da história (ROUDINESCO, 1994). Uma busca nas bases de dados da produção científica pode facilmente mostrar para vocês as reservas quanto ao trabalho de Foucault, cujos argumentos aponto somente para deixar um rastro: inconsequente por não recorrer ao canônico conhecimento já estabelecido pela tradição do saber em que se mete (Por que construir uma história do silenciamento dos loucos e não a já consolidada história do saber psiquiátrico sobre a loucura?); esquizofrênico por utilizar ‘material duvidoso’, marginal, indiferente à história oficial e aceita (sejam autores, sejam documentos, sejam arquivos, dizem os seus críticos, se constituem em material periférico); irresponsável na promoção de uma iconoclastia que não se sustenta (basta lembrar a irritação de Miller, em *Microfísica do Poder*, quando acusa Foucault (1985) de desqualificar o pensamento de Marx e Freud).

Das duas digressões, tiro uma espécie de nozes fora, problematizando: Foucault historiador? Não é exagero de Veyne essa atribuição não?

Meu esforço para o encaminhamento desses dois problemas é propositadamente fragmentário. O único fio que perpassa os três fragmentos que aqui construo é frágil, reconheço. Mas ao menos me permite agarrar possibilidades reflexivas, com as quais tenho pautado meu *Passeio ao Léo* (LEBURN: 1983.) por sua obra tão inquietante. Minha trajetória pretende realizar três “paradas pontuais” na obra do autor, quase pinçando territórios textuais para efetivar o exercício de escavação da lógica implicada no debate ali realizado. Aqui, efetivo uma “parada” em *História da Loucura* (1972) Projeto para uma sequencia futura de pesquisa a visita a outras estações-textuais utilizando o mesmo método que aqui manejo. Por exemplo, projeto escrutinar nessa mesma perspectiva, *O Poder Psiquiátrico* (2006); *Segurança, Território, População* (2008);

História da sexualidade (1986). Desejo demonstrar, com o garimpo de conjuntos discursivos, os movimentos reflexivos do autor matizando o tema família, compondo o seu *modus narrandi*.

Começo pela cautela do procedimento por três razões muito precisas: primeiramente, reconheço que os trabalhos de FOUCAULT se debruçam sobre o tema da subjetividade, o que, no caso do autor, implica levar em consideração a singularidade. A comunidade dos estudiosos que se acerca da letra foucaultiana acorda em reconhecê-lo como um autor que privilegia as formas de subjetivação (destaque para: VEYNE, 1982; GIRAD, 1989; TRONCA, 1987). Vale dizer: suas preocupações se centram no louco, no preso, no histórico, estes *homens concretos* que povoam, sob condições muito específicas, os cenários históricos. Quer dizer, FOUCAULT debate de modo objetivo sobre um tema que perpassa necessariamente a família: o sujeito, a afirmação de sua identidade, a relação que estabelece com os seus pares, os conflitos inerentes a esta relação que influenciam as formas de subjetivação (HAN, 1989; FONSECA, 1995). Em outros termos: aparentemente, a família pode ser tomada como uma abstração que suas lentes recusam priorizar de ante mão e metodologicamente em privilégio do sujeito concreto sobre o qual se debruça.

Em segundo lugar: a tendência reflexiva do autor confere um realce bem mais acentuado aos efeitos dos dispositivos sócio-históricos sobre o indivíduo. Ou seja: a instituição familiar interessa subsidiariamente à Foucault para melhor pensar os efeitos de poder realizados historicamente sobre este sujeito concreto.

Por último, parece que a reflexão foucauldiana trabalha sempre de viés, possui um interesse furtivo, e não direto sobre o tema da família. Trata-se de um mero acidente, um ponto tangenciado sorratamente, roçado à guisa dos relevos implicados no debate acerca das questões subjetivas?

Ademais, Foucault não se ocupa do conceito, da episteme, mas da experiência enraizada do sujeito, experiência que o torna necessariamente um *sub-jectum*, poroso às influências, às variantes, às determinações às quais responde. Como ele mesmo refere em *O que é um autor?* (1992, p. 83), ao enfatizar que a atuação dos “indivíduos” não resulta da vontade consciente ou do exercício autônomo da liberdade, mas de um “conjunto de condições que [os] possibilitam cumprir uma função de sujeito”.

Fato é que os indicadores da letra do autor sugerem que família parece um incidente em sua reflexão, tanto no plano conceitual e teórico (“corpo”, “disciplina”, “dispositivo”, “governamentalidade”, “soberania”, “norma”, “sexualidade”), quanto no plano dos objetos de análise (“loucura”, “prisão”, “onanismo”, “liberalismo”).

Contudo, cabe a indagação: as coisas se passam efetivamente deste modo? Sopesar esta questão é o propósito deste ensaio, que recupera, na sua tese doutoral, sentidos possíveis para a remissão ao tema da família. Minha hipótese de trabalho é a seguinte: se a família não é o alvo direto de foco e de tratamento, o é transversalmente, e isso não se pode negligenciar num autor que prioriza as margens da história, os eventos aparentemente os mais insignificantes. Em outros termos, suponho que este objeto seja capturado pelas teias discursivas do autor quando o seu olhar contempla e atravessa o sujeito e as tramas que inflexionam a sua constituição. Mais simplesmente ainda: suspeito que família, mesmo não sendo uma categoria, comparece na obra do autor como nós que amarra certas redes semânticas no seu discurso.

Em decorrência da extensão da sua obra do autor, bem como da natureza ensaística deste trabalho (ADORNO: 2003, p. 9), elegi 1961 para desencadear esse debate de natureza metodológica. À maneira de exercícios reflexivos, esses pontos da teia discursiva promove, de maneira reiterada – quase digo, obsessiva – a relevância do problema da família no pensamento do autor que, pelo simples aparecimento em variados períodos, e quase que como uma constante, motivam a que eu proponha uma desconfiança, uma quase hipótese, de que essa dispersão da família na obra de Foucault seja um **evento reflexivo**⁴ no autor.

Passo a tratar do o papel atribuído à família na letra de Foucault. Ele somente roça, raspa, toca ‘suavemente’, refere-se sub-repticiamente, aponta aleatoriamente o tema da família? Vejamos o que ocorre em sua *História da Loucura*.

São quase 50 remissões à família efetivadas por Foucault em *História da Loucura*. 47, para ser bem preciso. Todas elas emolduradas pela seguinte questão: de que maneira a família tratou os seus ensandecidos no correr da história? De logo é constatado que não existe, em quaisquer destas remissões, uma definição, um conceito, uma noção bem desenhada de família. Tratam-se, antes, de menções à guisa das descrições do

⁴ . Não nos esqueçamos de que Foucault é apaixonado pela fenomenologia, e que portanto evento, tem um sentido muito especial para o autor: não é mera ocorrência, mas um ponto de precipitação de muitas necessidades (FOUCAULT, 1994).

contexto histórico que situa um dado tratamento do louco, bem como da explicitação de micro-engrenagens de poder que lidam com o insano. Em outros termos, a família emerge na *História da Loucura* como elemento institucional que corrobora para criar as *condições de possibilidade* que tornam o louco um sujeito que demanda intervenção, controle, manejo. Uma espécie de báscula ´regula´ o surgimento da família na letra de Foucault: há momentos nos quais ela comparece como modelo institucional para torner as técnicas utilizadas durante o internamento; em outros, ela surge como cúmplice da constituio do poder médico na sociedade; e em outros ainda, ela  indicada como cúmplice do Estado no internamento do louco.

Por exemplo: no cenário da *Grande Internação*, Foucault refere a família como mecanismo de controle social, como uma ligao imperceptível entre a política de internamento e a política mercantil da europa moderna, e como a consciência médica da loucura. Em outros termos: no ambiente que inaugura a ordenação da sociedade burguesa, a família  indicada como o elemento regulador e decisório da internao.

De fato, semelhante análise pressupria a persistência imóvel de uma loucura já dotada de seu eterno equipamento psicológico, mas cuja verdade exigiria um longo tempo para ser isolada. Ignorada há séculos, ou pelo menos mal conhecida, a era clássica teria começado a apreendê-la de modo obscuro como desorganizao da família, desordem social, perigo para o Estado. E aos poucos esta primeira percepo se teria organizado, e finalmente aperfeiçoado, numa consciência médica que teria formulado como doença da natureza aquilo que até então era reconhecido apenas como mal-estar da sociedade (FOUCAULT, 2004, p. 80 {grifo meu}).

Esta citao parece oferecer certos contornos, mesmo que descontínuos, que apontam a instituio familiar como o germe mesmo do que logo se constituirá enquanto poder médico, que por sua vez efetivará um *golpe de força* sobre a loucura no af de torná-la doença mental. Como objeto antecedente da psicopatologia, ainda sob os auspícios do pátrio poder, o louco, sob a tutela da família, parece oportunizar a que se institucionalize uma espécie de sistematizao de tratamento médico dos sujeitos considerados anmalos. A família, como uma das instituies responsáveis pela situao do louco, será tomada como modeladora da definio da assistência e dos cuidados médicos a serem desenvolvidos em sua lide.

A família irá também figurar nesse texto como articuladora, gestora e aplicadora de técnica utilizada no tratamento da loucura: “*Na grande reorganização das relações entre loucura e razão, a família, ao final do século XVIII, representa um papel decisivo – ao mesmo tempo paisagem imaginária e estrutura social real*” (FOUCAULT, 2004, p. 484). E o que me autoriza a afirmar isso? Os indicadores da própria citação. Deles descataco o que ganha força no trecho: *paisagem imaginária e estrutura social real*. O que Foucault sustenta é que a família torna-se um fator decisivo para estabelecer uma mentalidade a respeito da loucura (paisagem imaginária), bem como constrói uma cimentação que dispõe o louco em um dado lugar sócio-familiar, ou se quiserem, que aloca-o na estrutura social real.

O que pode ser conferido na performance de Tuke na instalação e estruturação funcional do asilo. Ele desenvolve uma técnica que consistia em construir um modelo artificializado de família no interior do asilo. Mediante a simulação da estrutura de uma casa, Tuke propôs um tipo de intervenção `terapêutica` da loucura tomando o modelo ideal de família livre. Tal modelo serviria de base para toda a sociedade que doravante iria buscar viver sem conflitos. Contrariamente ao que se propunha, adotava os valores vigentes da sociedade burguesa no tratamento do louco: “*Relações Família-Filhos, ao redor do tema da autoridade paterna; relações Falta-Castigo, ao redor do tema da justiça imediata; relações Loucura-Desordem, ao redor do tema da ordem social e moral*” (FOUCAULT, 2004, p. 500). Ao louco é dado o direito de reconhecer o erro e introjetar o arrependimento, sinalizando a necessidade de obediência à autoridade familiar. A vontade e a expressão deste continuam sendo negadas, pois essas estão alienadas ao querer familiar, agora em transferência para o poder médico.

Ademais, a aliança da família com o Estado é outro ponto abordado pelo autor:

Num certo sentido, o internamento e todo regime policial que o envolve servem para controlar uma certa ordem na estrutura familiar, que vale ao mesmo tempo como regra social e norma da razão. A família, com suas exigências, torna-se um dos critérios essenciais da razão; e é ela, sobretudo, que pede e obtém o internamento (FOUCAULT, 2004b, p. 90).

Aqui, a família é apresentada como detentora de dispositivos que regulam a conduta moral do indivíduo na sociedade, e o Estado, com os mecanismos jurídicos que

lhes são próprios, se coloca como seu sustentáculo nas decisões que necessitam da coerção das leis.

Esses elementos permitem colocar em relevo os pontos cintilantes nos quais a família comparece efetivando o decalque, a delimitação, circunscrevendo, delineando, permeando, constituindo o sujeito, de modo particular o sujeito louco. Como a família responde às demandas internas e externas que visam ao controle das condutas consideradas inadequadas de seus membros? Qual é a sua função na constituição/desconstituição da subjetividade do louco?

Na leitura que aqui cometo, *História da Loucura* parece fornecer elementos para a compreensão de como se efetivam as relações de poder no contexto familiar, e como o sujeito participa dessas relações, dado que para Foucault o poder ocorre nas relações, e o indivíduo não só circula nas suas malhas, mas está sempre em posição de o exercer e de sofrer sua ação. Poder, saber e subjetividade se implicam numa mesma teia, apesar de terem conteúdos heterogêneos, e apesar de o poder ter uma ascendência sobre o saber e a subjetividade. Ademais, como buscar entender a interação entre família e subjetividade sem levar em conta a questão do poder, dado que a instituição familiar é um lugar privilegiado de circulação desse poder?

História da Loucura parece desenhar o modo mediante o qual ocorrem as relações de poder inter-institucionais, a exemplo da instituição familiar e das instituições de saúde, com os seus mecanismos de controle que visam a normalização do indivíduo na sociedade, o que não quer dizer que o poder seja simplesmente uma relação entre parceiros coletivos ou individuais.

Um outro elemento que desperta o meu olhar sobre este ponto sobre o qual me debruço é o fato de que, a rigor, em todos os seus textos, o autor reúna os discursos derivados de múltiplas ciências do homem, seja no uso singular de alguns conceitos, seja na crítica dirigida aos resultados que tais saberes esboçam nas suas investigações acerca do humano. Para o bem da clareza, tendo sob o seu olhar a figura do louco, Foucault arrola os saberes que se apropriaram deste objeto, a saber, psicologia, psiquiatria, medicina, psicanálise, direito, pedagogia, etc. Este fato metodológico, precisamente, o recurso de convidar múltiplas disciplinas para o debate em torno de determinado objeto influencia a construção de um olhar acrisolador que recua para detrás do saber que discursa sobre o objeto. Portanto, não se trata de investigar as verdades sobre o objeto,

derivadas de aplicações metodológicas determinadas por uma dada ciência, mas sim de inquirir os modos pelos quais tais ciências elaboram as verdades imputadas ao objeto mirado em suas lentes. De todo modo, o procedimento foucaultiano é a um só tempo crítico e multidisciplinar dadas a extensão, a complexidade, a verticalidade e as perspectivas reunidas pelo autor em suas análises.

Enfim, Foucault constrói um discurso fino que propicia antever a modelagem realizada pelo saber e pelo poder sobre o objeto *homem*. Se existe consistência no discurso que se erige sobre o sujeito humano e seu meio, bem como sobre a família na qual ele se insere, tal consistência não advém, com exclusividade, da metodologia aplicada pelos saberes na investigação de seus objetos. A esse delírio onipotente Foucault recusa. O que suas reflexões encaminham é a construção de um olhar que suspeita não do sujeito ou da família diretamente, mas dos discursos dos saberes que se pretendem construtores das redes conceituais que se apossam desses “objetos”.

Portanto, não faz qualquer sentido indagar acerca do significado que determinada categoria como a *Família* possui em seu discurso. O que aí é significativo é questionar como o seu pensamento acrisolador propõe analisar os resultados que advêm do esforço que as ciências humanas realizam em torno deste elemento. Foucault rejeita qualquer que seja o empreendimento epistemológico quando se trata de examinar a elaboração dos saberes e dos seus produtos, convocando-nos para uma tarefa bem mais complexa e, ao seu ver, bem mais produtiva. Ele nos convida a reconstituir uma arqueologia das ciências humanas. Como elas elaboram as verdades sobre o sujeito e sobre a família? Eis a questão que a mim parece mais relevante com a qual iniciei este texto, que me permito recordar ao leitor do seguinte modo: a família pode ser uma categoria reflexiva, um índice epistemológico, ou o ponto de encruzilhada de uma rede epistêmica no interior dos textos de Michel Foucault? Nesse ponto de minha proposta convido o leitor a efetivar um deslocamento: para quem e para além dos debates encetados pelo autor, não se confere um movimento que bascula o tema da família, movimento que parece indicar, ou mesmo insinuar que esta instituição colabora fortemente para construir uma reflexão acerca da subjetividade?

Esse é o ponto de partida mediante o qual aqui se propõe a leitura pontual da *História da Loucura*. Qual é a interlocução que Foucault constitui, com quem realiza o seu debate, considerando o cenário sobre o qual o texto se descortina, realizando uma

discussão sobre os modos de tratamento do louco na história? O modo pelo qual leio *História da Loucura*, tentando flagrar o papel da família em suas teias, propõe que Foucault investiga nela as condições pelas quais a sociedade moderna toma como parâmetros de avaliação da conduta social de seus membros a busca de uma normalização, baseada num processo de cientificismo que vem se consolidando desde os primórdios da Idade Moderna. Este processo permite que as Ciências do Homem se apossam do sujeito como dependente de sua tutela para sobreviver às agruras de um meio que lhe é hostil e que o transforma em seu objeto; tem como agentes as instituições que operacionalizam as redes do poder, exatamente por excitarem a produção de saber no próprio exercício das relações de poder.

Nessa perspectiva, o sistema familiar funciona como um desses agentes que podem se manifestar através de alianças expressas, operando sob diversas modalidades tais como consentimento, negação, omissão. Ela se ordena por influxos internos e externos, construindo um jogo microfísico de poder.

De que modo Foucault examina esse enquadramento da família enquanto *locus* privilegiado para o estabelecimento das relações de poder? Como essa instituição responde às demandas internas e externas que visam o controle das condutas consideradas inadequadas de seus membros?

Efetivamente, na *Nau dos Loucos*, na *Grande Internação*, e mais à frente no Hospital de Esquirol, o personagem do médico ganha ares de taumaturgo através de nomes como Pinel e Kraepelin. A era de Jean-Martin Charcot (1825-1839) reforça ainda mais o poder médico e fica marcada pelo que se denominou *produção da verdade* quando ele perfila a histeria como doença. Com o desenvolvimento desse novo diagnóstico e tratamento de um fenômeno que atordoava a família burguesa, a medicina angariou para sua prática poderes que propiciaram ao profissional médico a aura de taumaturgo, que operava verdadeiros “milagres” com o uso de técnicas oriundas do saber médico operadas no tratamento das histéricas. O método consistia em dar voz à doente de histeria, estimular a reprodução do ambiente familiar no hospital, diante do médico que se colocava a postos para a escuta do desatino; o médico tem, a partir de suas manifestações, o poder de fazê-la recobrar a lucidez, e assim retornar para o convívio familiar posto que o processo de cura não consiste mais no movimento pelo qual a verdade aparece de novo, mas

[...] o desejo de rever seus amigos, seus filhos, as lágrimas da sensibilidade, a necessidade de confiar seu coração, de se encontrar em meio à família, de retomar seus hábitos. [...] As doentes do serviço de Charcot puseram-se a reproduzir a pedido do poder-saber médico, uma sintomatologia normatizada pela epilepsia, ou seja, suscetível de ser decifrada, conhecida e reconhecida nos termos de uma doença orgânica [...]. O poder do médico lhe permite produzir a partir de então a realidade de uma doença mental cuja propriedade é reproduzir os fenômenos inteiramente acessíveis ao conhecimento (FOUCAULT, 1997, p. 48; 50).

Nos índices textuais de Foucault, os representantes da medicina e da psiquiatria se afinam em seus projetos que lidam com a subjetividade do louco a partir do suporte institucional familiar. O que se supõe ocorrer, no que concerne ao papel da família frente ao médico, que agora já não necessita de sua permissão para a lide com o doente, é que o paciente, ao dar o seu consentimento para a intervenção médica, não esteja abdicando da tutela familiar; pelo contrário, ao mudar-se o conceito de cura doravante associada às condições ideais para o convívio familiar o doente se entrega dócil ao tratamento, pois sabe que de sua adesão dependerá o atestado de que está curado. O que não quer dizer, segundo o autor, que o poder seja da ordem do consentimento.

[...] ele não é, em si mesmo, renúncia a uma liberdade, transferência de direito, poder de todos e de cada um delegado a alguns (o que não impede que o consentimento possa ser uma condição para que a relação de poder exista e se mantenha); a relação de poder pode ser o efeito de um consentimento anterior ou permanente; ela não é em sua própria natureza, a manifestação de um consenso (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Desse modo, a família se manterá coesa com as decisões que não mais dependem de uma autorização sua; aquietada-se e empresta para o psiquiatra a gerência de sua subjetividade, pois o seu adestramento é o que mais lhe convém; da cura dele depende o presumido equilíbrio interno da própria família, que exercita a sua função de agente normatizador frente ao normatizável. Para isso ela conta com o poder da ciência representado na figura respeitada do médico com seus feitos que assegurarão benefícios para todos. O poder é, pois, produtor de gestos, atitudes e saberes que “[...] não aplica

seu saber, suas investigações, suas técnicas ao universal, mas ao indivíduo como objeto e efeito de um entrecruzamento do poder e do saber” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 176).

A estratégia do autor é procurar localizar a constituição material e histórica da sujeição; ele expressa claramente em seus escritos esse seu desejo, que fora iniciado nesta sua fase arqueológica quando expõe diversas formas de subjetivação do indivíduo, iniciadas com o advento das ciências empíricas, no qual o saber penetra no domínio das coisas e passa a ser analisado não mais a partir dos signos como os seres vivos, as riquezas e as palavras e sim pelos objetos empíricos do conhecimento: a linguagem, o trabalho, a vida (MACHADO, 2004). Análise que seria assim traduzida por Deleuze (1998) com três perguntas representativas do sujeito historicamente constituído. “*Que sei eu? Que posso eu? Que sou eu?*” (DELEUZE, 1998, p. 154).

Na perspectiva de Foucault, as instituições são fontes para alavancarem a constituição do sujeito, possuidoras de mecanismos de saber-poder como são. A família é notadamente uma instituição alinhada historicamente à essa perspectiva. Não obstante esse seu interesse, Foucault não realiza uma história das instituições. Segundo Deleuze (1998) o que a letra de Foucault propicia é a análise das “[...] *condições sob as quais elas integram relacionamentos diferenciais de forças, no horizonte de um campo social. Ele não fez uma história da vida privada, mas das condições sob as quais o relacionamento a si constitui uma vida privada*” (DELEUZE, 1998, p. 156).

Pode a família ser um dos elementos constitutivos dessas condições? A subjetividade do louco produzida pela psiquiatria teria como avatar as funções familiares concentradas sobre o indivíduo louco? Para Foucault (1989), existem em qualquer sociedade relações múltiplas de poder que atravessam, caracterizam e constituem todo o corpo social. A família, como instituição, aparece em seus escritos como micro-estrutura de poder e se constitui como elemento da capilaridade que envolve toda e qualquer relação humana.

Compreende-se que a família seja uma instituição fundamental na vida do indivíduo e em sua constituição como sujeito, que se utiliza da combinatória de dispositivos tradicionais, estruturas jurídicas, fenômenos de hábito ou de moda (FOUCAULT, 1995). Ela não passa incólume às mudanças da sociedade. E mudanças

internas se armam nesta estrutura para se conservar enquanto nicho de micro-relação na qual o poder circula. Portanto, família é instância de subjetivação, porque investida da dinâmica de poder.

As instituições são percebidas pelo homem como algo que tem uma misteriosa capacidade coercitiva e repressora, existentes como que naturalmente; Delas ele se sente escravo; sente-se um alienado de suas vontades. A instituição familiar se alinha ao exercício de força precipitado sobre esse homem que se sente alienado de sua natureza, sustém Foucault. Afinal, sua vida é originada dela, sua linguagem aprende com ela, os valores lhe são passados desde a mais tenra idade por ela, seu equipamento emocional-afetivo funciona a partir de suas motivações. E mais, em seus primeiros tempos de vida, se não tiver a sua assistência, sua vida não se sustentará.

As referências foucaultianas à família na *História da Loucura* mostram a importância que essa instituição tem na constituição da subjetividade. Tais referências indicam como a família age em circunstâncias dadas e contextos específicos, como aqueles apresentados no decorrer das épocas, estudados na obra que revolucionou o pensamento construído até então sobre a psiquiatria, em sua relação com a loucura.

O cenário está posto: século XVIII, Era Moderna, Classicismo: ali, novas relações se instauram entre o amor e o Desatino. Verifica-se que o amor racional e o amor desatinado se precipitam sobre a homossexualidade, mais um dos estratos que consubstancia a loucura. Nessa época, a polícia era investida de poderes para efetuar o internamento dos desatinados, contanto que o fosse solicitado pela família, ao perceber que seus interesses estavam comprometidos, a exemplo do risco de dispersão do patrimônio por um dos seus membros. A moral da família confisca a ética sexual e o amor é dessacralizado em função do contrato que passará doravante a prevalecer diante da moral burguesa. A devassidão, o casamento vergonhoso, a prodigalidade são motivos de internamento e significam uma nova ordem na moral da instituição familiar.

As velhas formas do amor ocidental são substituídas por uma nova sensibilidade: a que nasce da família e na família; ela exclui, como pertencendo à ordem do desatino, tudo aquilo que não é conforme à sua ordem ou ao seu interesse. [...] Este poder de repressão, que não pertence inteiramente ao domínio da justiça nem exatamente ao da religião, este poder arrancado diretamente à autoridade real não representa, no fundo, a

arbitrariedade do despotismo, mas sim o caráter doravante rigoroso das exigências familiares (FOUCAULT, 2004b, p. 91).

Pois bem, a análise que o autor faz a respeito da instauração de uma nova ordem conjugal na família, repercutirá doravante para excitar a que sejam construídos na sociedade novos padrões morais baseados no contrato que ditará novas regras do matrimônio, avalizadas pela sociedade burguesa, e buscada pela família atingida pelo desatino da homossexualidade. O contrato visará garantir a preservação dos bens materiais, e a herança da família continuará sob seu domínio. A aliança selada pela família com a monarquia dessacraliza o casamento criando as bases para um novo modo de família, buscada no Retiro de Tuke, para se reverter a loucura no asilo e na sociedade: eis aqui a associação do contrato que trazia à família as garantias materiais e a afeição natural que supriria as carências emocionais do doente. A idéia de Tuke é a de adotar tal modelo de família baseado nos dois grandes mitos que tentaram explicar a sociedade no século XVIII:

[...] a origem das sociedades e a verdade do homem social. Ele é ao mesmo tempo o interesse individual que renuncia a si mesmo para se reencontrar e a afeição espontânea que a natureza faz surgir nos membros de uma família, propondo assim uma espécie de modelo afetivo e imediato para toda a sociedade (FOUCAULT, 2004, p. 470).

A família resulta uma forma de organização primária, na qual o sujeito se insere, sendo-lhe antecedente, com a sua materialidade inabalável, ‘impassível’ à vontade do indivíduo, estimuladora de seu equipamento afetivo, diapasão de normatividade, reguladora de condutas; é a partir de certas relações de poder que os indivíduos são constituídos como louco, delinqüente, doente, transformados pelo mesmo jogo de poder em sujeitos que devem ser normalizados. Segundo Foucault é uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. “*Sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a*” (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Com efeito, as páginas da *História da Loucura* que abordam a questão da família na lide com o louco, em seus diversos contextos, a partir do século XVII, o fazem tendendo a considerá-la polimorfa quando se trata de identificar e moldar o indivíduo. Numa das passagens, Michel Foucault menciona o papel decisivo que a família

representa no século XVIII na grande reorganização das relações entre loucura e razão. “É dela que parte, é na direção dela que se encaminha a obra de Tuke” (FOUCAULT, 2004b, p. 484). É a família que encaminha o louco para o internamento, disponibilizando-o ao saber médico, que o trará de volta à razão. Faz-se uma aliança entre o médico e a família do louco que, mesmo negada e rechaçada pelo novo modelo desenvolvido no asilo, consente com o tratamento originado do saber médico pela promessa de preservação do seu equilíbrio. Ao resgatar o louco para um modo de família inspirado na natureza, o médico alcançará a cura não apenas do louco; seu modelo de família será seguido pela sociedade, pois a idéia que vigorava sobre loucura no século XVIII era de que a doença não advém da natureza, mas da sociedade com sua ordenação artificial, com sua agitação, e sua incerteza. O princípio do asilo, porém, permanecerá ancorado no modelo de família patriarcal, no qual a figura de um intendente imporá sua autoridade ao louco quando se fizer necessário.

O sujeito da *História da Loucura* é o sujeito louco que surge nas primeiras páginas ainda pleno. Aos poucos, ele vai sendo despido de sua consistência própria e assumindo uma nova consistência a partir do confronto com a Razão. Não se pretende sugerir que a passagem da loucura em seu estado bruto, genuíno, para o novo estado marcado pela psiquiatrização signifique a vitimização do louco por uma sociedade hostil e cruel, reforçada por uma medicina perversa, e por uma instituição familiar que flutua sob os imperativos das mudanças históricas que estão sendo processadas.

As relações de poder contornadas por Foucault ocorrem em instituições bem determinadas. A instituição familiar, compreendida como instituição primária na vida do indivíduo, é a referência na constituição/desconstituição da subjetividade do louco, é uma superfície legítima para receber a projeção desses problemas.

Vocês vêm aqui demonstrado o efeito de Foucault no seu *modus narrandi*: invés de operar em níveis de abstração, sua letra convida a pensar a instituição familiar nas próprias franjas da constituição do sujeito, qual *sub-jectum*: aquele que subjaz nas tramas do poder, cujo decalque inevitavelmente é reforçado pelo **poder familiar**.

Ainda um óbice posto à leitura que aqui cometo: Não estaria eu incorrendo em anacronismos? O tema do poder, tal qual burilado neste ensaio, não estaria melhor assentado na fase de maturidade de Foucault, quando do desenvolvimento de seu método o mais calibrado para analisar as tramas sociais, o método genealógico? Não é uma

petitio principii o que acabo de cometer, algo como colocar o carro na frente dos bois, pois que o foco do autor sobre os temas da sujeição nascem mais além da década de 60 do século passado?

Minha postura, modesta, mas firme, é a de que, desde os primeiros escritos, aqueles relativos à sua formação em psicologia (anos 50), o autor faz latejar os elementos que aqui manejei. Mesmo que a enunciação ainda não esteja em relevo, como mais tarde estará, lateja com grande pertinência o tema do poder, subsumido na reflexão que ele entabula sobre a constituição dos saberes. Quer dizer: os próprios germes do debate sobre o tema do poder, associado aos saberes construídos pelas ciências humanas já estão lá, pululando nos textos do *Foucault Primer* (MCHOUL, 1993). Neste ensaio tentei dar contornos a este debate, tão fecundo desde o começo na obra do autor. O método que aqui utilizei, ao menos nos arranjos promovidos neste texto, possibilitou o reconhecimento do lugar de margem ocupado pela família no discurso do autor, e, exatamente por isso, pela constante presença, pelas modalidades de tratamento, pela função que cumpre na ordem discursiva, posso sugerir que ela comparece sob a forma de marca d'água no pensamento do autor. E esse fato discursivo, a meu aviso, faz toda diferença na compreensão de sua analítica.

Referências Bibliográficas:

- ABRAHAM, T. *Foucault y la Ética* Buenos Aires: Editorial Biblos 1988
- ADORNO, T., *O Ensaio como forma*, In: ADORNO, W. T., *Notas de Literatura I, SP*: Editora 34, Coleção Espírito Crítico, 2003, p9. 15/45.
- ANZIEU, D. *A auto análise de Freud e a descoberta da psicanálise* P. Alegre: Artes Médicas, 1989
- ÀRIES, P. *História da vida Privada* Sao Paulo: Cia das Letras 1992
- BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo* Sao Paulo: P. Litoral Edições 1989
- BERNAUER, J. e RASMUSSEN, D. *The final Foucault* London: The Mit Press 1987
- BETTELHEIM, B. *Freud e a alma humana* Sao Paulo: Ed. Cultrix 1984
- BISWANGER, L. *Discurs, Parcours et Freud* Paris: Gallimard Ed. 1970.
- BLANCHOT, M. *Foucault como o imagino* Lisboa: Relógio D'água Ed. 1988
- BRAGANHOLO, B. H. *Algumas reflexões acerca da evolução, crise e constitucionalidade da família*. In: Revista Justiça do Direito. v. 18 n. 1 Curitiba: UFP editora: 2004.
- BROSSAT, A. *Michel Foucault, Lês jeux de la Verité e du Pouvoir* Paris: PUN 1994
- CHAVES, E. *Foucault e a Psicanálise* Sao Paulo: Ed. Forense Universitária 1988
- CHEBILI, S. *Figure de L'Animalité dans L'oeuvre de Michel Foucault* Paris: Ed. L'Harmattan 1999
- DECAMPS, C. *Interrogations philosophiques contemporaines en France*, Paris: Ed. PLON 1987
- DEKENS, O. *L'Épaisseur Humaine* Paris: Éditions Kimé 2000
- DELEUZE, G. *Foucault* Buenos Aires: Ediciones Paidós 1986
- DESCARTES, R., *Meditações, Coleção Os Pensadores*, SP: Abril Cultural, 1983.
- DONATI, P. *Família XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo* Vol.II Rio de Janeiro: Ed Ensaio 1994
- DREYFUS, H. RABINOW, P., *Michel Foucault: um trajeto filosófico para além do estruturalismo e da hermenêutica*, Forense Universitária, 1995.

- DURIN, S. *Foucault and Literature: towards a genealogy of writing* London: Simon During 1992
- ELLENBERG, H.F. *Histoire de La découverte de l'inconscient* Paris: Ed. Fayard 1994.
- ERIBON, D. *L'infréquentable Michel Foucault* Paris: Ed. Epel 2001
- ERIBON, D. *Michel Foucault, Uma Biografia* Sao Paulo: Cia das Letras 1990
- ESCOBAR, C.H. *A História e os Discursos* in: TB N. 36/7 Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro 1974
- ESCOBAR, C.H. *Epistemologia das ciências hoje* Salvador: Pallas s/a Ed e Dist. 1975
- ESCOBAR, C.H. *O Dossier. Últimas Entrevistas* Rio de Janeiro: Livraria Taurus Ed. 1984
- FERRY, L. e RENAUT, A. *Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo*, Rio de Janeiro: Ed. Ensaio 1988
- FEYREBEND, P., *Contra o método*, RJ: Francisco Alves, 1977
- FONSECA, M. *Michel Foucault e a Constituição do Sujeito* Sao Paulo: Educ 1995
- FORRESTER, J. *A linguagem nas origens da psicanálise* Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda 1983
- FOUCAULT, M. *Dits et Écrits* Vls. 1, 2, 3 e 4 Paris: Ed. Gallimard 1994
- FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia* Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro 1975.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la Folie* Paris: Ed. Gallimard Collection Tel 1972
- FOUCAULT, M. *História da Loucura* Sao Paulo: Ed. Perspectiva 1997
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de Saber* VI. 1 Sao Paulo: Ed. Graal 1985
- FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité* Paris: PUF 1954
- FOUCAULT, M., *História da Sexualidade*, Vols I, II, III, SP: Ed. Graal, 1986.
- FOUCAULT, M., *Microfísica do poder*, RJ: Ed. Graal, 1985.
- FOUCAULT, M., *O Poder Psiquiátrico*, Martins Fontes: São Paulo, 2006.
- FOUCAULT, M., *O que é um autor*, Lisboa: Ed. Passagens, 1992.
- FOUCAULT, M., *Rever dès sés Plaisirs. Sur l'<onorcritique> ' <Artemidoro>*, in Dits et Écrits, VI. IV, Ed Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M., *Segurança, Território, População*, SP: Martins Fontes, 2008
- FREUD, S. *21a. Conferência: Desenvolvimento libidinal e organizações sexuais* SE Vol. XVI Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990
- FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* SE Vls. IV e V Amorrortu Ed. 1990
- FREUD, S. *A moral sexual <<cultural>> e o nervosismo moderno*, SE. Vol. III, Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990
- FREUD, S. *O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III)* Vol. XI Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990
- FREUD, S. *Três Ensaio de Uma Teoria Sexual* SE Vol. VII Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990
- FROMM, E. *A missão de Freud* Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1989
- GABBI Jr., O. F. *A origem da moral em psicanálise* In Cadernos de História e Filosofia da Ciência Série 3 Vol. 1 N.2 Campinas: Ed. da Unicamp Julho/Dezembro 1991
- GIARD, L. *Michel Foucault, lire l'oeuvre* Paris: Ed. J. Millon 1992
- GIDDENS, A., *Sociologia*, Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2004
- GONZALEZ, J. S. *Michel Foucault: uma filosofia da ação*, Madrid: C. de Estudios Costitucionales 1989
- GUEDEZ, A. *Lo racional y lo irracional: introducción al pensamiento de M. Foucault* Buenos Aires: Ed. Paidós, 1992
- GUIBERT, H. *Para Um amigo que não me salvou a vida* Rio de Janeiro: José Olympio Ed. 1995
- GUTTING, G. *The Cambridge Companion to Foucault* UK: Cambridge Un. Press 1995
- HAN, B. *L'Ontologie Manquée de Michel Foucault* Paris: Ed. J. Millon Collection Krisis 1998
- HOY, D.C. *Foucault: a Critical Reader* NY: Basil Blackwell Ltda 1987
- JALÓN, M. *El Laboratorio de Foucault, Decifrar y Ordenar* Buenos Aires: Antrophos Ed. 1994
- KAUFMANN, P. *Freud e a teoria da cultura. in História da filosofia: Idéias e Doutrinas*, Vol. 8, Zahar Ed, 1974
- LAPLANCHE & PONTALIS, *Vocabulário de Psicanálise*, SP: Ed. Martins Fontes, 1986
- LAPLANCHE, J., *Vida e morte na Psicanálise*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1985
- LEBURN: G., *Passeios ao Léu*, SP: Ed. Brasiliense, 1983
- LÉVI-STRAUSS, C., *A família*, in: SHAPIRO, H., *Homem, cultura e sociedade*, Ed. F. de Cultura, 1956
- MACHADO, R. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de M. Foucault*, SP: Graal Ed, 1981
- MALLEA, G. *Foucault y la Ética* Buenos Aires: Ed. Biblos 1988
- MANDOSIO, J.M., *Longevité d'une imposture*, Paris: Ed. De L'encyclopedie des Nuisances, 2010
- MAUSS, M. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Quadrige/Puf, 1968
- MCHOUL, A., GRACE, W. A F. *Primer: Discours, Power and the Subject* London: UCL Press, 1993

- MENEZES, JEX, *Entre a marginalização e a diabolização: a alternativa de Santo Tomás de Aquino pra o prazer*. SP, Ed. Unimarco, v. 2, n. 2, p. 25-38, 1998
- MERQUIOR, J.G. *Michel Foucault ou o Nihilismo de Cátedra* Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira 1985
- MILLER, J. *La Passion Foucault* Paris: Plon Ed. 1993
- MIZHARI, B. G., *A relação de pais e filhos hoje*, RJ: Ed. PUC/RJ, 2004.
- MONZANI, L. R. *Freud, o movimento de um pensamento* Campinas: Ed. Unicamp 1989
- MOSCOVICI, S. *A máquina de fazer deuses* Rio de Janeiro: Imago Ed. 1990
- MOSCOVICI, S. *Sociedade contra natureza* Petropolis: Ed. Vozes 1975
- ONFRAY, M., *Le crépuscule d'une idole: l'affabulation freudienne*, Edition Grasset e Fresquelle, 2010
- PEREIRA, P. A., *Desafios Contemporâneos para a Sociedade e a Família*. In: Revista Serviço Social e Sociedade. Nº 48, Ano XVI. SP: Cortez, 1995
- PISCITELLI, A. G. . *Jóias de Família, gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006
- POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*, SP: Cultrix/Editora da USP, S/D
- POPPER, K., *Conjecturas e refutações, Bvrasília: Ed. Universidade de Brasília*, 1982
- QUEIROZ, A. *Foucault, o Paradoxo das Paisagens* Rio de Janeiro: Pazulin 1999
- RACEVSKIS, K. *Michel Foucault and the subversion of intellect* London: Cornell Uni. Press 1983
- RAJCHMAN, J. *Foucault e a liberdade da filosofia* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1987
- REVUE CRITIQUE *Michel Foucault du monde entier* N. 471/2 Paris: Éditions de Minuit 1986
- RIBEIRO, RJ. *Recordar Foucault* Sao Paulo: Ed. Brasiliense 1985
- RICOEUR, P. *Da interpretação* Rio de Janeiro: Imago Ed. 1977
- RIEFF, P. *Freud, o triunfo da terapêutica* Sao Paulo: Ed. Brasiliense 1990
- RIEFF, P. *Freud, the mind of the moralist* Chicago: Ed. Chicago University Press, 1979
- RIZA, S. *Michel Foucault* Paris: Editions Josette Lyon 1997
- ROUDINESCO, E. et tal, *Foucault: leituras da História da Loucura* Sao Paulo: Relume Dumará 1994
- ROUDINESCO, E. et tal, *Foucault: leituras da História da Loucura*, Relume Dumará, 1994
- ROUDINESCO, E. *Os 100 anos de psicanálise na França* Vols. Ie II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1989
- ROUDINESCO, E. *Penser La Folie* Paris: Éditions Galilée 1992
- ROUSSEL, E. *Michel Foucault* Buenos Aires: Argentina Ed.SA 1967
- SARTI, C. A., *A família como ordem simbólica*. In: Psicologia USP, 2004, 15(3), 11-28
- SAZBÓN, J., et tal *Estructuralismo y Psicoanálisis* Paris: Éditions Galilée 1970
- SHERIDAN, A. *Discurs, Sexualité et Pouvoir* Bruxelas: Pierre Mardaga Editeur 1982
- SHERIDAN, A. *Foucault: the Will to Truth* NY: Tavistock Publications 1980
- THERBORN, G., *Sexo e poder: a família no mundo de 1900 a 2000*, SP: Ed. Contexto, 2006
- TRONCA, I. *Foucault Vivo* Campinas: Pontes Ed. 1987
- VERÓN, E. *Analisis de Michel Foucault* Buenos Aires: Ed. Tiempo Contemporáneo 1996
- VEYNE, P. *Como se Escreve a História. Foucault Revoluciona a História* Brasilia: Ed. UNB 1982
- VEYNE, P., *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*, Brasília: Ed. UNB, 1982